

Os serralheiros de Oliveira de Azeméis: da ruralidade à globalidade, numa geração

Eduardo
Beira

Universidade do Minho

Nos anos 20 encontram-se na Marinha Grande três homens que haviam de marcar as origens da indústria de moldes para plásticos em Portugal: Aires Roque, o seu (meio irmão) Aníbal Abrantes e o marinhense António Santos trabalham juntos numa oficina liderada pelo próprio Aires Roque, onde o negócio dos moldes para vidro era o mais importante – mas onde se começavam algumas experiências de moldes para prensagem de materiais plásticos – então baquelites.

Marinha Grande era então um grande pólo da indústria de vidro (manual), logo grande compradora de moldes para vidro – tipicamente em ferro fundido, depois torneado e acabado. Mas a Marinha Grande não era o único grande pólo vidreiro em Portugal nessas primeiras décadas do século XX. Oliveira de Azeméis sempre foi um importante pólo do vidro em Portugal.

Nesses anos 20 dá-se mesmo um importante movimento de reestruturação empresarial do sector e em 1926 é fundado o Centro Vidreiro do Norte de Portugal, onde se agrupam várias das fábricas da região. Foram anos de turbulência empresarial mas que configuraram a indústria vidreira no Norte de Portugal nas décadas seguintes e que sustentou um dos maiores e melhores empregadores de toda a região à volta de Oliveira de Azeméis.

É por essa altura (em 1927) que os três homens da Marinha Grande vão para Oliveira de Azeméis, atraídos pelas novas oportunidades do Centro Vidreiro, onde trabalham na produção de moldes para vidro. Mas no ano seguinte (1928) os dois (meio) irmãos voltam para a Marinha Grande. António Santos continua em Oliveira de Azeméis e mais tarde monta aí uma oficina de serralharia de moldes, para Aires Roque – a qual ficaria para a história com o nome deste. No final da guerra os dois irmãos seguem caminhos diferentes. Aníbal Abrantes fica sozinho com a empresa de moldes que fundara com o irmão e começa a dedicar mais atenção aos moldes para plástico – embora nos primeiros anos os moldes para vidro tenham continuado a ser importantes para a sua exploração. As analogias mecânicas entre os moldes para vidro e os primeiros moldes para plástico, então ainda muito simples, eram manifestas.

No mesmo ano de 1945, Aníbal Abrantes cria com António Santos uma nova sociedade, a Santos & Abrantes, que no entanto continua localmente a ser conhe-

ENTRE O VIDRO DA
MARINHA GRANDE E
OLIVEIRA DE AZEMÉIS

ANTÓNIO SANTOS, ANÍBAL
ABRANTES E AIRES ROQUE

cida como a serralharia de Aires Roque. A oficina ficava num prédio situada numa curva da antiga N1, na entrada norte de Oliveira de Azeméis, hoje só resta o terreno, curiosamente sobranceiro à zona industrial onde pontificam agora algumas das empresas actuais mais importantes de moldes.

Aníbal dedica-se à sua empresa na Marinha Grande, vinha algumas vezes à sociedade em Oliveira de Azeméis, mas pouco se envolveu na sua operação.

António Santos, um bom patrão, mas também um homem cauteloso e financeiramente muito pouco audacioso, não desenvolveu muito a sociedade, que acaba em princípio dos anos 50. Mas António Santos ainda continuou a trabalhar por Oliveira de Azeméis mais alguns anos, com o material que lhe coube na divisão final dos activos. Anibal Abrantes levou a sua parte para a Marinha Grande.

JOSÉ MARIA DIAS DA SILVA

Mas a Santos & Abrantes não foi a única empresa de moldes a emergir localmente por essa altura em Oliveira de Azeméis. Junto à estação de caminho de ferro, José Maria Dias da Silva, que fora encarregado na Aires Roque, estabelece-se por conta própria e produz moldes para compressão de baquelite. Morre em 1949, quando a empresa tinha já 18 pessoas. Noutras mãos transformou-se depois na Tapiol, uma empresa de artigos metálicos que também marcou a região e durou até 2005.

O industrial Júlio Mateiro era amigo de José Maria e dois anos depois dá emprego a um seu filho, Armindo Pinho, então com 13 anos, que entra para a secção de manutenção de moldes para vidro do Centro Vidreiro, onde se inicia na arte.

RODRIGUES, CARVALHO &
Cª LDA

Durante a guerra um homem de Vieira de Leiria, Elísio Gomes Rodrigues, que entretanto já trabalhara com Aníbal Abrantes na Marinha Grande, vem trabalhar para a Santos & Abrantes, em Oliveira de Azeméis.

Em 1945, com 28 anos de idade, resolve estabelecer-se com uma empresa de moldes para vidro e também já para moldes para plástico – a Rodrigues, Carvalho & Cª Lda. Para isso arranja um sócio capitalista local. Entretanto chama lá da terra, Vieira de Leiria, um jovem irmão de 17 anos, já com a 4ª classe feita, de seu nome Lúcio Rodrigues. A empresa cresceu rapidamente e chegou a ter vinte pessoas. Mas Elísio Rodrigues morre de doença ao fim de dois anos, a empresa fecha e o irmão Lúcio procura trabalho primeiro no Santos & Abrantes e depois no Centro Vulcano, a secção de fundição e metalomecânica integrada no Centro Vidreiro do Norte de Portugal.

CENTRO VULCANO

Aí conheceria de perto outro jovem operário no Centro Vulcano, Joaquim Landeau, só dois anos mais velho. De dia ambos trabalham no Centro Vulcano, mas à noite fazem um extras numa oficina improvisada de Lúcio Rodrigues: montam espingardas de 9mm e fazem formas para bolos. Aos fins de semana Joaquim Landeau corre as terras de Oliveira de Azeméis a vender guarda chuvas a prestações mensais e a fazer as respectivas cobranças. Para além disso não perde uma feira. E ambos vão sonhando em montar uma chafarica – estabelecerem-se por conta própria,

No Centro Vidreiro, mais concretamente no seu Centro Vulcano, Lúcio Rodrigues chega a fazer moldes para plásticos – para produção no próprio Centro Vi-

dreiro (baquelites) e até mesmo para clientes do Centro Vidreiro, numa altura em que se começa a sonhar que o plástico viria a ser a alternativo ao vidro – um sonho que atravessou pelo menos toda a década de 50. O próprio Centro Vidreiro viria a comprar logo no início dos anos 50 uma máquina de injeção para moldar peças plásticas para integrar em produtos de vidro (asas e tampos de jarros de água). E o industrial Júlio Mateiro fez produzir no Centro Vulcano moldes para plástico para o cliente Papa Léguas, então uma empresa de plásticos em Viana do Castelo e também importante cliente do Centro Vidreiro. Aníbal Abrantes terá mesmo visto e comentado o molde numa das suas passagens por Oliveira de Azeméis.

Nos últimos anos da década de 40 o Centro Vulcano e o Centro Vidreiro são pontos de intersecção das tecnologias de moldes para vidro e para plásticos. Mas Júlio Mateiro nunca chegaria a desviar-se do vidro. Havia no entanto de manter atenção ao que se estava a passar nos plásticos e durante anos viria ser um actor indirecto mas central do processo de emergência da indústria em Oliveira de Azeméis.

Joaquim Landeau era por essa altura, princípio dos anos 50, com vinte e poucos anos, encarregado no Centro Vulcano, depois de ter começado a trabalhar nas prensas de vidro do Centro Vidreiro aos 14 anos, em 1940. Entretanto Lúcio Rodrigues resolve ir trabalhar algum tempo para a Marinha Grande, com o objectivo declarado de aprender a ser artista de moldes para plástico, com Aníbal Abrantes. Fica por lá alguns anos.

Aníbal Abrantes terá certamente ouvido falar de Joaquim Landeau. Por volta de 1954 propõe-lhe trabalho bem pago na Marinha Grande e mesmo financiar a liquidação da sua dívida local associada ao negócio dos guarda chuvas. Landeau chega mesmo a pensar juntar-se assim a Lúcio. Mas na realidade é este que acaba por regressar a Oliveira de Azeméis e assim nasce, em 1955, a Moldoplástico.

MOLDOPLÁSTICO

Nessa altura já a Santos & Abrantes, assim como a Rodrigues & Carvalho tinham fechado. Pela mesma altura, princípios dos anos 50, Belmiro da Costa Neves estabelece-se em Oliveira de Azeméis com uma pequena oficina de moldes. Belmiro era da Marinha Grande e aprendera com Aníbal Abrantes. A empresa teve uma vida atribulada, e nunca chegou a crescer muito. Depois de uma falência recuperada no início dos anos 60, viria a laborar até aos anos 70. Mas nela se formaram muitos artistas e o o senhor Belmiro marcou quem por lá passou. Joaquim Jardim trabalhou com ele entre 1962 e 1965 e viria depois a ser durante encarregado numa das novas fábricas de moldes de Oliveira de Azeméis (a A. Silva Godinho).

BELMIRO DA COSTA NEVES

António Silva era um jovem de 16 anos quando em 1951 entra para aprendiz na chamada serralharia de Aires Roque. Dois anos depois passou para outra serralharia então a crescer e a começar a atrair as atenções dos jovens aspirantes a serralheiros – a Metaloura.

METALOURA

A Metaloura, criada também por volta de 1950, foi uma iniciativa de António Costa, conhecido por António Loura, um homem com negócio de gado e de talhante em Oliveira de Azeméis, que foi buscar o sócio Alfredo Frias à Fábrica Pátria, em Guimarães.

Instalada na zona de Cidacos, ao lado da habitação de António Loura, foi uma

das serralharias que mais se desenvolveu na década de 50. Os seus equipamentos novos atraem a mão de obra – assim como os primeiros agentes ou intermediários a operar em Portugal. É a primeira a envolver-se activamente o mercado de exportação, pela mão de Toni Jongenelen.

Desentendimentos entre os sócios a partir de meados da década de 60 criam dificuldades que acabam na venda da empresa aos empresários e irmãos de Vale de Cambra, Ilídio Pinho e Álvaro Pinho, em 1972. Mas a empresa continuaria com um novo nome (Sitape).

SÓCIOS CAPITALISTAS

Aníbal Abrantes aceitou com naturalidade e até mesmo simpatia o estabelecimento de Lúcio Rodrigues e de Joaquim Landeau, em 1955. Mas fundar a Moldoplástico precisava de algum capital, que os promotores não tinham. Abílio Tavares Valente, cunhado de Lúcio Rodrigues, entra como sócio capitalista. A velha questão de comprar máquinas novas versus remunerar o capital rapidamente depressa destrói a parceria. Os sócios artistas e trabalhadores recorrem então a um lavrador da região, cujo neto António Rodrigues era aprendiz e o mesmo trabalhador número um da folha de salários da Moldoplástico. A parceria iria desta vez durar mais algum tempo, mas também acabou, por volta de 1958. Desta vez Lúcio Rodrigues e Joaquim Landau recorrem à banca. E Lúcio Rodrigues não aprendera só a fazer moldes na Marinha Grande: também ficou a conhecer quem eram os clientes. Nessa altura a Metaloura e a Moldoplástico começavam a atrair as atenções e a mostrar a atractividade do negócio das serralharias de moldes.

SIMOLDES

Manuel Carreira ficara interessado no que vira na Moldoplástico. Quando sai de sócio, financia uma nova oficina, com dois novos sócios de trabalho, ambos vindos da Moldoplástico: Nelson Lemos (que trabalhara já na Santos & Abrantes e que tomava conta da nova oficina) e Santos Godinho, que tomava conta do escritório. Em 1959 nasce a Simoldes Aços, que se instala num prédio novo do centro de Oliveira de Azeméis.

Mas não foram só os dois sócios de trabalho que saíram da Moldoplástico: também vieram de lá um neto (António Rodrigues, bancada) e um filho (Carlos Carreira, frezador) de Manuel Carreira, sobrinho e tio quase da mesma idade (17 ou 18 anos), e ainda um senhor Marinho que afinal não continuou na Simoldes. O nascimento da Simoldes correspondeu quase a uma cisão da Moldoplástico.

No início dos anos 60 Oliveira de Azeméis fervilha de interesse pelo novo negócio das serralharias de moldes, alimentada pelos profissionais do Centro Vulcano e do Centro Vidreiro e incentivada pelos exemplos da Metaloura, da Moldoplástico e agora da Simoldes. Esta instala-se numa nova fábrica, com dois pisos, em Espinheira, Cidacos em 1963, já com cerca de 30 trabalhadores. Também a presença de agentes e intermediários á procura de fabricantes para exportação começa a sentir-se – assim como as maravilhosas condições de pagamento associadas.

CENTRO INDUSTRIAL DE MOLDES

Germano Ferreira, casado com uma irmã do líder da Metaloura, arrisca também no negócio dos moldes para plástico, mesmo sem experiência anterior do sector, e assim nasce por essa altura o Centro Industrial de Moldes, que não chegou aos anos 70. Seria depois integrada na Metaloura, aquando da transformação em Sitape, em 1972.

O jovem Armindo Pinho sai do Centro Vidreiro, trabalha numa oficina de automóveis de um tio e vai para o Centro Industrial de Moldes. Em 1963 funda a Pinhos & Ribeiro, com um irmão. A empresa formou muita gente que depois fez carreira na indústria, o que lhe valeu mesmo o nome de “Universidade de Moldes de Oliveira de Azeméis”.

Alguns anos depois, por volta de 1968, é a primeira empresa a abrir uma nova frente especializada na indústria de moldes: os moldes para injeção de solas de calçado, respondendo ao desafio do industrial Domingos Torcato Ribeiro, que introduzira em Portugal a injeção de solas na Campeão Português, em Guimarães.

Ilídio Godinho trabalhava na Moldoplástico, nos primeiros anos da década de 60. Conhecia Álvaro Pinho, que estudara contabilidade na Escola Comercial e que, em part, time ajudava então a fazer a escrita da Moldoplástico, e que por isso sabia alguma coisa do negócio, mas nada sabia do fabrico dos moldes.

SILVA GODINHO

Por essa altura António Silva tinha já 29 anos, começara a trabalhar aos 16 anos na Aires Roque com António Santos, onde conhecera e ficara a admirar Lúcio Rodrigues, e estava já há oito anos na Metaloura. São estes três homens que em 1964 começam mais uma nova serralharia de moldes, a A. Silva Godinho. Para se instalarem contam com a ajuda de Júlio Mateiro, que lhes facilita a compra de parte das antigas instalações da fábrica de Bustelo, entretanto desactivada no processo de reestruturação que levou à concentração na fábrica Bohemia do Centro Vidreiro.

Na segunda metade dos anos 60, as exportações de moldes começam a ganhar cada vez mais importância entre as serralharias de moldes de Oliveira de Azeméis. Mas o processo começara logo no início dos anos 60.

FUNDO DE FOMENTA DA EXPORTAÇÃO

Daniel Xará tinha 17 anos quando entrou para o escritório da Moldoplástico, ainda na década de 50. Acabara o curso comercial na Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis. Sabia por isso línguas – o que nem Lúcio Rodrigues nem Joaquim Leandeau dominavam. O pai de Daniel trabalhara no Centro Vidreiro, mas dois anos depois de Daniel entrar na Moldoplástico, também ele aí começa a trabalhar na bancada.

Miguel Barreiro tinha 15 anos, acabara o Curso Geral do Comércio na Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis, quando entrou para o escritório da Simoldes em 1967, pela mão de um dos três sócios iniciais (Silva Godinho). Tinha a vantagem de perceber alguma coisa de línguas, inglês em especial. No início dos anos 70 monta uma operação de mailing para angariar clientes directos, com a ajuda das informações do então Fundo de Fomento de Exportação. Por essa altura também Daniel Xará estava activo, na Moldoplástico, a procurar mais clientes de exportação, com o apoio dos serviços e boletins do Fundo de Fomento de Exportação.

Mas Daniel Xará e outros colegas seus da Moldoplástico tinham ambições e em 1976 ouvem com interesse as propostas de Seymour Cowit, um cliente importante da Moldoplástico: venham trabalhar para os USA, que eu monto-vos uma fábrica. Quatro anos depois, nova leva sai da Moldoplástico e seis trabalhadores qualificados emigram legalmente para a América e instalam-se em Long Island,

MONARCH MOLDS (USA)

Nova Iorque. Assim nasce a Monarch Molds, uma empresa de portugueses a fabricar moldes directamente num grande mercado americano. Especializa-se em moldes em alumínio para séries curtas de fabrico.

Dez anos depois regressam a Portugal onde entretanto estabeleceram uma nova empresa (a JDD Moldes). Mas a empresa americana continuou, nas mãos de portugueses que entretanto haviam emigrado para lá trabalhar. A primeira serralharia portuguesa de moldes, agora já empresa de moldes, a instalar-se nos USA.

ANOS 80: CONSOLIDAÇÃO

Ao entrar nos anos 80 o pólo de Oliveira de Azemeis da indústria portuguesa de moldes estava consolidado, mas também em ebulição. O 25 de Abril pouco os afectara. As novas condições políticas e económicas favoreceram o seu desenvolvimento, muito especial a política cambial.

Os serralheiros de Oliveira de Azemeis tinham entretanto passado a industriais de moldes, e as suas empresas estavam a contribuir activamente para a mobilidade social que caracterizou a década de 80.

CINQUENTA SETE ANOS DE TRABALHO NO CENTRO E NA FRONTEIRA DA INDÚSTRIA

António Rodrigues, o neto de Manuel Carreira e o ex-aprendiz número um da Moldoplástico, emergiu como o líder da Simoldes, hoje o maior grupo português no sector e mesmo o maior grupo europeu de moldes, fruto de políticas arrojadas de investimento e de alguns desafios comerciais audaciosos.

António Rodrigues refere-se a Amadeu Soares como um dos melhores técnicos de bancada que passou pela indústria. Foi ele que o foi buscar, em 1964, estava o Amadeu a trabalhar na Metaloura. Trinta e seis anos depois, Amadeu reformou-se, pela Simoldes, em 2000.

Amadeu Soares é nove anos mais velho que António Rodrigues. Começou a trabalhar aos 10 anos, nas obras. Aos 14 anos, em 1947, consegue entrar para o Centro Vulcano, onde se cruza com muitos outros futuros serralheiros e industriais de moldes. Aos 21 anos, em 1954, vai para a Metaloura, precisamente quando Lúcio Rodrigues e Joaquim Leandeu começam a montar a “chafarica” com que sonhavam e que resultaria numa das mais importantes empresas portuguesas de moldes. Na Metaloura faz moldes para Toni Jongenelen exportar e ganha a sua confiança. Esteve quase a entrar como sócio da Metaloura, numa das alterações sociais que esta conheceu, mas a oportunidade acaba por lhe passar ao lado. Entra para a Simoldes em 1964 – e com ele leva o know-how e os clientes de Tony Jongelalen, que continua a confiar nele.

Nos anos 80 a Renault instala-se em Portugal e precisa de fornecedores portugueses para ajudar à taxa de incorporação nacional. O Renault 5, “o carro, le car”, é o carro da altura, popular e simpático, desenhado por Michel Boué, cujo sucesso é continuado pelo Super 5. É o carro francês mais vendido de sempre e um marco no estilo automóvel de pequenas viaturas. Um carro cuja produção ajudou a mudar Portugal – e a indústria de moldes em Oliveira de Azeméis, em especial o grupo Simoldes.

Amadeu Soares contribuiu para isso, montando alguns dos primeiros moldes da Simoldes para a Renault. Passaram-lhe pelas mãos, assim como muitos dos mais difíceis moldes que a empresa fez nesses anos. Toda a sua vida acompanhara a fronteira da indústria.

Amadeu começara a trabalhar aos 10 anos, mas só aos 18 viu legalizada a sua situação laboral. Conheceu uma vida difícil, mas a sua vida alterou-se muito nas últimas décadas. Amadeu só fez a 4ª classe aos 24 anos, depois de casar. Trabalhou 57 anos até se reformar.

Hoje, mais de quarenta anos depois de ele entrar na Simoldes, dois dos seus filhos trabalham hoje na Simoldes. A sua filha mais nova tem 32 anos, acaba de lhe dar um neto, e acabou recentemente um mestrado em gestão de empresas. Trabalha na MDA, uma empresa do grupo Simoldes.

Em cinquenta anos as oficinas passaram de serralharias a empresas de moldes, passaram da oficina escura e manual à fábrica moderna e computadorizada, passaram de aprendizes e operários a empresários, de serralheiros a industriais, do mercado nacional à exportação, do local ao global, do cliente português às grandes multinacionais. Pelas suas oficinas e fábricas passou a construção de muita da modernidade global contemporânea conformada em materiais plásticos – dos produtos técnicos, aos artigos de grande consumo e passando pela indústria automóvel. Uma geração e uma história invulgar em qualquer parte do mundo.

DAS SERRALHARIAS AO
FUTURO

Almeida e Sousa, veterano do desenvolvimento da fundição e da metalomecânica em Portugal, comenta que em meados do século XX havia no Norte um grande número de unidades metalomecânicas, então chamadas serralharias, que as necessidades da guerra tinham ajudado a desenvolver e que faziam coisas que em Lisboa não se pensava fazer. Dispúnhamos de ótimos artistas, mas o capital não terá ocorrido à indústria. Nessa hora de carência de toda a Europa, no post-guerra, uma indústria metalomecânica válida e capaz de exportar, teria enriquecido o país.

Poucos anos depois, os serralheiros de Oliveira de Azeméis mostraram que a profecia não se cumpriu, mas bem podia ter sido verdade...

